



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

LUCIANA SOARES DA SILVA

**O LÚDICO COMO CAMINHO FACILITADOR PARA A LEITURA DE
CRIANÇAS AUTISTAS**

Orientador(a): Prof^a Dr^a Adriana de Andrade Gaião e Barbosa

JOÃO PESSOA

2016

LUCIANA SOARES DA SILVA

**O LÚDICO COMO CAMINHO FACILITADOR PARA A LEITURA DE
CRIANÇAS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

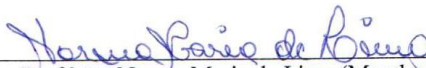
Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Adriana de Andrade Gaião e Barbosa

Aprovado em: 16 / 11 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Adriana de Andrade Gaião e Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Dr.^a Norma Maria de Lima (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

S586l Silva, Luciana Soares da.

O lúdico como caminho facilitador para a leitura de crianças autistas / Luciana Soares da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2016.

32f.

Orientadora: Adriana de Andrade Gaião e Barbosa

Monografia (graduação em Psicopedagogia) – UFPB/CE

1. Educação especial. 2. Lúdico - leitura. 3. Autismo. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 616,896(043.2)

O LÚDICO COMO CAMINHO FACILITADOR PARA A LEITURA DE CRIANÇAS AUTISTAS

Resumo: A capacidade desenvolvida no ato de brincar, além de ampliar na criança imaginação, desenvolve também suas emoções, pois esta acaba se envolvendo tanto com a brincadeira, que nem percebe em suas ações, o sentimento de emoção e entusiasmo adquirido durante a brincadeira. Esse sentimento de prazer e interação facilita a aprendizagem em todos os aspectos da criança. O presente estudo tem como objetivo geral pesquisar a praticidade do lúdico no processo de leitura em crianças com Transtorno do Espectro Autistas (TEA). Especificamente, pretende-se: identificar possíveis causas metodológicas que interferiam no processo de leitura; desenvolver métodos práticos através do lúdico para ajudar na construção de uma leitura significativa; trabalhar a praticidade do lúdico no processo de leitura. Para tanto contamos com a participação de uma criança de dez anos de idade, diagnosticada com TEA, de gênero masculino, nascido em João Pessoa-PB, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental, estuda em uma escola particular, apresenta dificuldades de leitura e compreensão de texto. Como instrumento da coleta de dados usamos observação, provas de avaliação, entrevista e atividades. Os dados foram analisados de forma qualitativa por meio dos resultados obtidos em cada sessão e por meio dos testes e atividades aplicadas a luz da literatura estudada. Os dados desse estudo demonstraram que o lúdico na educação da criança com TEA é de grande relevância para o sucesso da aprendizagem significativa. Conclui-se que o estudo permitiu na criança o domínio de criar e recriar estratégias de aprendizagem dando assim sentido aos conhecimentos de leitura.

Palavras-chave: Lúdico. Leitura. Crianças Autistas.

1 INTRODUÇÃO

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato da criança, desde muito cedo se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, imitação, memória e a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais (LOPES, 2006).

Contudo, a capacidade desenvolvida no ato de brincar, além de ampliar na criança a imaginação, desenvolve também suas emoções, pois esta acaba se envolvendo tanto com a brincadeira, que nem percebe em suas ações, o sentimento de emoção e entusiasmo adquirido durante a brincadeira. Esse sentimento de prazer e interação facilita a aprendizagem em todos os aspectos da criança.

A palavra lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar. No lúdico estão incluídos os jogos, brinquedos, brincadeiras e divertimentos e é relativo também a conduta daquele que joga que brinca e que se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, conhecimento e sua compreensão de mundo (SANTOS 1997).

Em sua obra, Mendes (1996) demonstra que a necessidade da utilização dos jogos da educação já era preocupação desde antes de Cristo. Platão (427 – 327 a.C), em Atenas, já defendia uma educação em que predominavam os jogos educativos que eram praticados pelas crianças de ambos os sexos até os 6 anos. Três séculos depois, Quintiliano (35 a.C), na Roma Antiga, privilegia uma educação baseada no jogo, o qual deveria ser incentivado dentro do lar pois não havia escolas para as crianças menores de 7 anos.

Vygotsky (1994) atribui relevante papel do lúdico na constituição do pensamento infantil. Segundo ele, é através do lúdico que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos. Nessa perspectiva, pode-se dizer que por meio do lúdico, a criança desenvolve suas próprias experiências e imaginações. Construindo assim seus próprios pensamentos através do que foi vivido em suas afeições, necessidades, desejos e paixões.

Tanto para Vygotsky (1994) como para Piaget (1978), o desenvolvimento não é linear, mas evolutivo e nesse trajeto, a imaginação se desenvolve. Uma vez que a criança brinca e

desenvolve a capacidade para determinado tipo de conhecimento, muito embora, depois desse adquirido, dificilmente será esquecido.

De acordo com esta perspectiva, compreende que o lúdico não está apenas no ato de brincar, está também no descobrimento e compreensão do mundo. Visto que é um modo de expressar-se, a ludicidade é essencial para a aprendizagem do ser humano, pois o paralelo dos jogos e brincadeiras com a vida cotidiana pode trazer benefícios no apropriar-se da leitura.

Portanto, o objetivo desse estudo partiu do interesse de pesquisar a praticidade do lúdico no processo de leitura em crianças com Transtorno do Espectro Autistas (TEA), os quais proporcionaram uma leitura divertida, dinâmica e prazerosa. Além disso, os objetivos específicos identificaram possíveis causas metodológicas que interferiam no processo de leitura; trabalharam a praticidade do lúdico no processo de leitura; desenvolveram métodos práticos através do lúdico que ajudaram na construção de uma leitura significativa.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) possui diversas peculiaridades relacionadas ao prejuízo qualitativo nas áreas da interação social, linguagem e movimentos repetitivos e estereotipados. Estes aspectos aparecem de formas diferenciadas nos indivíduos, sendo necessário considerar a individualidade humana e ponderar que cada educando com o transtorno reage de forma diferente (ÓRRU, 2012; APA, 2014).

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, a escola deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade. A partir deste conceito, pode-se questionar: Como o lúdico pode contribuir para o desenvolvimento da leitura em crianças com TEA?

O recurso lúdico, como a literatura infantil, pode contribuir para aumentar o repertório comportamental da criança. Desenvolver seu comportamento verbal e os seus comportamentos criativos, possibilitando apresentar soluções originais.

É de fundamental importância que o brincar seja utilizado pelo educador, o mesmo precisa planejar e criar situações que favoreçam os trabalhos de estimulação da criança. É por meio das brincadeiras, ação comum na infância, que a criança terá oportunidade de se conhecer e constituir-se socialmente. A leitura pode ser algo atrativo ao estudante, mais para que isso aconteça é preciso deixar de lado as práticas mecânicas utilizadas como rotina no espaço escolar. De acordo com o exposto, compreende-se que o lúdico pode ser utilizado como recurso para o desenvolvimento da aprendizagem, além de servir de ferramenta e recurso para as práticas psicopedagógicas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Autismo

Segundo Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”. As crianças observadas pelo psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, igualmente demonstrada pelos esquizofrênicos, dando a impressão de que eles estavam presos em si mesmos. Porém, o diferencial era que no autismo esta condição já estava presente desde tenra idade.

Orrú (2012), apresenta o estudo do psiquiatra austríaco, Leo Kanner, residente nos Estados Unidos, médico do departamento de psiquiatria infantil do Hospital Johns Hopkins, que publicou, por volta de 1943, o artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Neste artigo, descreve o caso de onze crianças com quadro de autismo severo, marcado por características de obsessividade, estereotípias e ecolalia bem acentuados. Outro traço importante percebido por Kanner em seu estudo foi que o distúrbio afeta a interação da criança com seu ambiente e as pessoas desde o início de sua vida.

Cunha (2012), comenta que Kanner apropria-se do termo autismo pelo psiquiatra suíço Bleuler, empregado pela primeira vez em 1911, cuja finalidade era descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia.

Segundo Bosa (2002), são chamadas Autistas as crianças que tem inadaptação para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem e quando ela se desenvolve, uma incapacitação de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam igualmente estereótipos gestuais, uma necessidade de manter imutável seu ambiente material, ainda que dêem provas de uma memória frequentemente notável.

Atualmente, o autismo abriga varias especificações em uma única denominação, mas vale lembrar que o autismo ainda é um transtorno que tem muita coisa a ser descoberto, pois suas causas ainda são desconhecidas. Sendo assim um tema base de intensas pesquisas na área.

A última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, o chamado DSM-V (2014), inclui algumas mudanças significativas para os critérios de diagnósticos para o autismo. Uma delas é agrupando vários transtornos anteriormente separados num grande grupo (como num grande guarda-chuva que abrigava todas essas especificações) em uma única denominação: “Transtorno do Espectro Autista (TEA)”.

Os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) referem-se a um grupo de transtornos caracterizados por um espectro compartilhado de prejuízos qualitativos na interação social, associados a comportamentos repetitivos e interesses restritos pronunciados (BRENTANI, et

al.2013). Por ser um *continuum*, de acordo com DSM-V (2014), sua escala varia entre leve a severo, o indivíduo com o TEA configura uma caixa surpresa de sintomas. Esta característica lábil do transtorno faz com que cada indivíduo exponha uma tonalidade diferente e, muito embora demonstre traços semelhantes com outro autista, sua condição é única e intransferível.

Nessa perspectiva, constata-se que para que se tenha um diagnóstico clínico correto do autismo, a criança deverá ser bem examinada por médico, tanto na parte física como psiconeurológica. Esta avaliação deverá incluir observação, entrevistas com familiares, exame psico-mental, exames complementares para doenças genéticas e/ou hereditárias.

Para Camargos (2002) existe uma visão que resulta na presença de sintomas acerca da interação social, linguagem e comportamentos imaginativos. Neurologicamente o autismo tem apresentado alterações microscópicas na organização e proliferação celular localizada nos circuitos do sistema límbico, cerebelar, hipocampo, lobo temporal e lobo frontal. Tais alterações neurológicas acima apresentadas causam no autista um déficit em seu desenvolvimento, prejudicando sua aprendizagem psicológica, motora e social, prejudicando seu desenvolvimento no ambiente que está inserido. Exigindo um profissional cada vez mais capacitado a lidar com crianças que apresentam tais distúrbios.

Segundo (ROTTA, 2007, p. 423)

Hoje sabe-se que o autismo não é uma doença única, mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidade.

Contudo, entende-se que as características do autismo pode se manifestar de diferentes formas e intensidades. O diagnóstico pode demonstrar que o indivíduo apresenta características leves da patologia ou características severas do transtorno. Este não tem cura, o quadro vai mudando conforme o indivíduo fica mais velho, dependendo do processo decorrente com suas experiências vividas, como é tratado, como se relaciona com os outros, como foi sua vida escolar e familiar (CUNHA, 2009).

Assim, pode-se dizer que os sintomas podem diminuir ou aumentar dependendo da forma que se estabelecem os vínculos, seja com a família, colegas, professores e toda a sociedade em geral. Pois, as contribuições são baseadas na concepção histórica, cultural e social de suas ações.

Segundo Delfrate, Santana e Massi (2009) a criança com autismo pode conseguir falar palavras, mas apresenta uma dificuldade em entender conceitos. Assim a criança autista não apresenta o interesse subjetivo de interagir com outra criança, o que interfere no

desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, o retraimento social é uma consequência da dificuldade em desenvolver a linguagem de maneira funcional.

É importante lembrar que os sintomas variam de acordo com a história do sujeito, as características apresentadas, o momento em que surge o grau de acometimento, se esta é invariavelmente ou se acarretam um comprometimento grave e persistente, seja ela nas áreas: social, de comunicação ou de comportamento.

Nilsson (2004, p.52-53) diferencia o aprendizado de uma criança autista e a não autista em uma visão cognitiva. O autista apresenta um pensamento literal concreto, visual, fragmentado. Ocorre um tipo de estímulo sensorial por vez, enquanto que em uma criança não autista ocorre a coordenação de todas as modalidades sensoriais.

O tratamento psicopedagógico visa minimizar os prejuízos acarretados pelo transtorno. Deste modo, a relação do psicopedagogo com seu paciente autista têm como objetivo solucionar os efeitos nocivos do sintoma para, após, dedicar-se a favorecer a aprendizagem.

De acordo com os estímulos de cada criança, várias habilidades podem ser desenvolvidas e toda a maturação neurológica pode passar por uma transformação de amadurecimento. Consequentemente habilidades como a leitura farão parte desse processo de aprendizagem. Dessa forma, abaixo agora algumas descrições do processo de leitura para que haja um melhor entendimento de como ocorre.

2.2 Leitura

De acordo com Freire (1989), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a esta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura é associada à forma de ver o mundo. É possível dizer que é um meio de conhecer.

Souza (1992) afirma que a leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento, o lugar e com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Dessa forma, é perceptível quão importante se faz a leitura na vida de um indivíduo, porém as pessoas muitas vezes não se tornam leitoras apenas porque escolhem ser, mas por saber identificar o prazer da leitura. Segundo Souza (2000) a criança que possui pais leitores e que lhe incentive este hábito é mais provável de criar esta habilidade precocemente e leva-lo com satisfação para a sua vida.

Segundo Kleiman (2001), a leitura é uma maneira de construir conhecimento de mundo é um eixo que liga os bens culturais e através desse aprendizado o aluno adquire visão crítica. Para que ocorra uma boa leitura é preciso que o leitor interaja com o texto. Não só na escola,

mas também no cotidiano do indivíduo o hábito da leitura é algo fundamental, para que possa ampliar a visão de mundo para que assim aconteça uma melhor compreensão da mesma, e que através da leitura o aluno possa atravessar as fronteiras da imaginação.

Deste modo, percebe-se que a leitura é algo essencial na vida do indivíduo, pois trás benefícios, que faz com que o aluno cresça, amplie seus conhecimentos e desenvolva habilidades cognitivas. Contudo a leitura é um dos instrumentos que mais permite o indivíduo a desempenhar melhor seu aprendizado.

Para Bamberger (1987), o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas.

No entanto, as crianças que os pais ou professores tem o hábito de ler acabam sendo inseridas em um contexto com mais estímulo de leitura, ou seja, estes tem maior facilidade de gostar, pois aprendem pelo exemplo.

Conforme define Carleti (2007), a leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem:

Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (CARLETI, 2007, p.2).

Para isso, de acordo com Freire (1989), linguagem e realidade precisam ser relacionados dinamicamente e a experiência de vida dos alunos ser valorizada. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com a própria vida, ações, sentimentos. As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas.

Contudo, fica claro que a leitura deve ser significativa para o aluno, ou seja, o mesmo deve vivenciar suas experiências e imaginações através do que ler. Assim, a participação contextualizada contribuirá para um melhor desempenho no processo de aprendizagem.

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2).

Portanto, a motivação tem papel fundamental para a leitura, o sujeito pode desenvolver a leitura por prazer, por identificar-se com determinado tipo de literatura, por curiosidade, ou até mesmo para obter uma boa nota.

Nesse sentido compreende-se que a eficácia das atividades lúdicas não será apenas a de mais uma aplicação, e sim a mediação que a criança precisa encontrar para dar significados para seu aprendizado, e ter condições de superar suas limitações tanto na leitura quanto em qualquer outra atividade. Dessa forma, se abarca algumas descrições abaixo, de como o lúdico pode mediar o processo de leitura.

2.3 O lúdico e a leitura

De acordo com Wallon (1979) o termo infantil significa lúdico, pois toda atividade da criança é lúdica quando é exercida pela mesma. O brincar é uma forma livre e individual. Ele evidencia o caráter emocional em que os jogos se desenvolvem, demonstrando seu interesse pelas relações sociais infantis no momento do jogo e seus aspectos relativos à socialização.

Cunha (2004) diz que: o brincar é a forma mais natural de uma criança agir e expressar-se; preservar sua espontaneidade é colaborar para sua saúde emocional. Através do brinquedo ela estabelece contato com o mundo ao seu redor e se apropria dele dentro dos limites de suas possibilidades; explora, descobre, transforma, exercita suas capacidades e constrói seu conhecimento.

De acordo com Cunha (2004), o ato de brincar possibilita infinitas maneiras de trabalhar com os alunos: a interação, o lúdico e a brincadeira em geral leva o aluno a construção do conhecimento. O brincar não se resume apenas como um meio de diversão e descontração. É um ponto importante que deve ser explorado e valorizado nas escolas dentro da sala de aula. Porém o brincar é muito mais que um simples momento de divertir é um dos caminhos que pode levar ao conhecimento.

Contudo, pode-se dizer que por meio do lúdico criado por cada criança, são acionados pensamentos, afetos e decisões importantes. Ou seja, através das brincadeiras as crianças desenvolvem suas escolhas, suas companhias e seus papéis.

Na visão de Piaget (1973), tanto a brincadeira como o jogo são essenciais para contribuir com o processo de aprendizagem. Assim, ele afirma que os programas lúdicos são o berço obrigatório das atividades intelectuais das crianças. Sendo assim, essas atividades se tornam indispensáveis às práticas educativas, pois contribui e enriquecem o desenvolvimento intelectual.

A educação lúdica, na sua essência, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento

permanente, integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio (ALMEIDA, 1994).

Entretanto, para que o brincar seja um método de ensino utilizado pelo educador, o profissional precisa planejar e criar situações que favoreçam os trabalhos de estimulação através do lúdico. A leitura pode ser algo atrativo ao estudante, mais para que isso aconteça é preciso deixar de lado as práticas mecânicas utilizadas como rotina no espaço escolar.

O recurso lúdico, como a literatura infantil, pode contribuir para aumentar o repertório comportamental da criança. Desenvolve seu comportamento verbal e os seus comportamentos criativos, possibilitando apresentar soluções originais.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO:

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de estudo de caso e abordagem qualitativa. Esse estudo é descritivo.

3.2 PARTICIPANTES:

Uma criança de dez anos de idade, diagnosticada com TEA, identificada como J.C.B. de Aquino Rosendo, de gênero masculino, filho único e natural de V.B. de Aquino e de J.C.R. da Silva Filho, nascido em João Pessoa-PB, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental, estuda em uma escola particular à tarde, apresenta dificuldades de leitura e compreensão de texto.

3.3 INSTRUMENTOS:

Para a construção e realização deste estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: Observação, Entrevista de Anamnese, Entrevista Operatória Centrada na Aprendizagem (EOCA), Visita a escola da criança, Atividades lúdicas, Atividades de leitura e interpretação, Avaliação a partir de testes próprios da psicopedagogia, como por exemplo, o Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (TCLPP); Provas de Avaliação dos Processos de Leitura (PROLEC); Teste de Leitura e Escrita (teste pedagógico). Para uma maior compreensão, segue abaixo uma pequena descrição dos instrumentos utilizados.

1- Anamnese (SAMPAIO, 2010) - Constitui-se de um roteiro de perguntas para coleta de informações sobre o indivíduo em atendimento. Trata-se de uma entrevista, com foco mais específico, considerada como um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico, objetivando coletar dados significativos sobre a história do sujeito na família, dados das primeiras

aprendizagens, evolução geral do sujeito, história clínica, e da família nuclear, famílias materna e paterna e história escolar.

2- A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem - EOCA (VISCA, 1987) - “É um instrumento inspirado na psicologia social de Pichon-Rivière, nos postulados da psicanálise e no método clínico da escola de Genebra foi idealizado por Jorge Visca e é um instrumento de uso simples, que avalia em uma entrevista, a aprendizagem”. (BOSSA, 2007). Portanto, o objetivo desse instrumento é investigar os vínculos que a criança tem com os objetos e os conteúdos da aprendizagem escolar, buscando observar seus conhecimentos, as suas defesas, atitudes, condutas e como enfrenta novos desafios, assim perceber o que a criança sabe fazer e aprendeu a fazer.

3- Teste de Leitura e Escrita (CHAMAT, 2004) - O teste de avaliação psicopedagógica para avaliar o grau de dificuldades na leitura e escrita do aluno são chamados de Provas Pedagógicas. Esta investiga o nível de aprendizagem dos aprendentes e detecta as dificuldades de aprendizagem. O teste pode ser aplicado em crianças a partir de sete anos, pré-adolescentes, adolescentes, jovens e adultos.

4- Visita a escola da criança - Essa tem a finalidade de conhecer as possíveis dificuldades de leitura do aluno, através das observações realizada na sala de aula. No dia da visita a escola do aprendente, foi realizada uma conversa com a diretora para explicar como seria feita a observação na turma da criança, depois foi perguntado a diretora se ela autorizava a observação e por fim foi feita a observação na turma em que criança está inserida.

5- Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras - TCLPP (SEABRA; CAPOVILLA; 2010) - É um instrumento psicométrico e neuropsicológico para avaliação da competência de leitura de palavras, coadjuvante para o diagnóstico diferencial de distúrbios da leitura. Padronizado para crianças do 1º ao 4º ano. Cada subteste corresponde a uma, ou mais das estratégias Logográfica, Fonológica, e Lexical. Sendo constituído por 8 itens de treino e 70 de teste, cada qual com um par composto de uma figura e de um item escrito. Há sete tipos de pares, distribuídos aleatoriamente ao longo do teste, com dez itens cada. 1) palavras corretas regulares (CR); 2) palavras corretas irregulares (CI); 3) palavras com incorreção semântica (VS); 4) pseudopalavras com trocas visuais (VV); 5) pseudopalavras com trocas fonológicas (VF); 6) pseudopalavras homófonas (PH) 7) pseudopalavras estranhas (PE). Os itens compostos de palavras corretas regulares e irregulares devem ser aceitos, e

aqueles compostos de palavras incorretas seja na semântica ou pseudopalavras devem ser rejeitados. O padrão de erros em cada tipo de item indica dificuldade na estratégia, desde que esse padrão se configure com significância estatística. Os resultados variam de muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto. O objetivo desse instrumento é avaliar a competência da leitura silenciosa de palavras isoladas, e servir de coadjuvante para o diagnóstico diferencial de distúrbios de aquisição de leitura.

6- Provas de Avaliação dos Processos de Leitura - PROLEC (CAPELLINI, OLIVEIRA & CUETOS, 2010) - É um teste da autoria de Fernando Cuetos, Blanca Rodrigues e Elvira Ruano na versão original em espanhol e adaptado por Simone Aparecida Capellini e Adriana Marques de Oliveira para a versão brasileira. Essa avaliação é composta por quatro blocos distribuídos para a avaliação de quatro processos de leitura (identificação de letras, processos léxicos, processos sintáticos e processos semânticos). O objetivo principal dessa avaliação é oferecer uma ferramenta capaz de identificar as dificuldades que interferem no processo de desenvolvimento da leitura, atuando como um guia para orientar programas de recuperação. O Prolec é um teste que requer um tempo maior, portanto este foi dividido em duas sessões.

7- Atividades de leitura e interpretação - (Textos para leitura e interpretação; Atividade lúdica com bexiga). Essa tem o objetivo de aprimorar a leitura; trabalhar a interpretação; melhorar os vínculos de motivação com a leitura; estimular a interação do sujeito com a narração lúdica.

8- Atividades lúdicas - (Com formas e tamanhos; Caixa mágica). Segundo PIAGET (1986), o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico. Portanto, as atividades têm como objetivo aprimorar e desenvolver o conhecimento da criança através da ludicidade, trabalhar as formas das imagens e diferença do tamanho, ampliar o vocabulário por meio de interações orais, exercitar a memória, aguçar a criatividade e a curiosidade.

No decorrer da realização de todas as tarefas, foi explicado a criança os objetivos de cada uma e de como os atendimentos iriam proceder.

3.4 PROCEDIMENTO:

Inicialmente foi feita uma entrevista com a mãe da criança a cerca do motivo que a levou a procurar atendimento psicopedagógico para o filho, bem como foi pedido uma autorização para que a pesquisa fosse realizada com a criança, sendo passado todos os informes a cerca da mesma, como por exemplo, deixando claro que nenhum dado pessoal do

indivíduo fosse publicado, mas apenas analisados os resultados e descritos por meio de nome fictício ou apenas com as iniciais. A partir disso foi traçado um planejamento de desenvolvimento de atividades avaliativas e aplicação de testes, onde estes foram aplicados por meio de dez sessões, uma vez por semana, cerca de 50 minutos cada. Para tanto, foi descrito uma a uma como iriam transcorrer, explicando o objetivo desse atendimento e enfatizando da importância da presença dos pais.

No dia da aplicação da Anamnese, a sessão foi iniciada com uma conversa com a mãe esclarecendo como seria o atendimento psicopedagógico com a criança em atendimento. Depois, a mãe foi informada como também seria a questão dos horários e sobre a colaboração de todos que acompanhava a criança. Por fim, foi dado início a entrevista semiestruturada com a responsável da criança. Durante a aplicação da EOCA, foi realizada uma conversa com a criança para explicar que todos os materiais poderiam ser utilizados por ela, de forma livre e confortável. Entre os materiais apresentado a criança estavam: folha de ofício, borracha, régua, caneta hidrográfica, folha de papel pautado, canetas esferográficas, tesoura, livros e revistas, cola, lápis sem ponta, apontador, papéis coloridos (10x10 cm), jogos educativos, esquadro e grampeador.

Na sessão de aplicação do teste, foi realizada uma conversa com a criança de como as atividades seriam feitas e depois foi proposto que a mesma fizesse o que se pedia no enunciado das atividades. Para a observação da criança na escola, foi realizada uma conversa com a diretora para explicar como seria feita a observação na sala da criança. Depois foi perguntado se a diretora autorizava a observação. E por fim foi feita a observação na sala de aula. Na aplicação do teste, foi realizada uma conversa com a criança de como o teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras seria feito. Após as devidas instruções e esclarecimentos; deu-se início a aplicação do teste.

A aplicação do Prolec foi dividida em duas sessões: Na primeira sessão a criança recebeu as instruções de como seria feito o teste. Depois que está entendeu o que seria feito, iniciou-se a aplicação dos seguintes itens: nome ou som das letras, igual-diferente, decisão léxica, leitura de palavras, e leitura de pseudopalavras. Na segunda sessão a criança recebeu novas instruções de como seria feito o teste. Depois que entendeu, iniciou-se a aplicação dos seguintes itens: leitura de palavras e pseudopalavras, estruturas gramaticas, sinais de pontuação, compreensão de orações, compreensão de textos. Ao iniciar a aplicação das atividades de leitura e escrita, a criança recebeu explicações de como seria realizada a primeira atividade, depois foi proposto que a mesma fizesse. Após terminar, foi explicada a segunda atividade, em seguida a terceira e por último a quarta. Para aplicação das atividades

lúdicas, a criança recebeu explicações de como seria realizada a primeira atividade, depois foi proposto que a mesma fizesse. Após terminar, foi explicada a segunda atividade e em seguida a terceira.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS:

A partir da coleta desses dados, deu-se então a análise qualitativa do mesmo, e a interpretação dos resultados. Esta análise teve como finalidade organizar e reunir todas essas informações, para que assim pudesse desvelar as possíveis intervenções a esta problematização. A explanação dos dados teve o intuito de averiguar o significado mais amplo das observações, embarcando estes dados à luz da teoria.

4 RESULTADOS

Os dados foram analisados de forma qualitativa por meio dos resultados obtidos em cada sessão e por meio dos testes e atividades aplicadas a luz da literatura estudada. A partir dos dados coletados e analisados, foi possível ter um conhecimento da praticidade do lúdico no processo de leitura em crianças com TEA.

1ª Sessão - Anamnese com a mãe, momento este no qual buscou-se resgatar dados importantes do desenvolvimento da criança.

Conforme foi relatado pela mãe entrevistada, J.C. é filho natural e sua genitora teve o pré-natal iniciado por volta de 2 meses de gestação, havendo problemas emocionais no começo da gestação. De acordo com a responsável a criança não foi planejada. Sem aborto ou filho natimorto. Nesse momento ela continua normal, aparentemente calma, gesticulando pouco com as mãos. A mãe afirma não ter feito uso de drogas, álcool ou fumo durante a gestação. Ela menciona que a criança até a hora de nascer não se encontrava na posição correta, porém ele nasceu de 9 meses, de parto normal, chorando e não precisou de oxigênio.

Em relação a alimentação a genitora relata que a criança foi amamentada até os 3 anos de vida, não tendo dificuldade para aceitar o leite; demorou para deixar o leite materno. Fazendo uso da mamadeira até os 6 anos. A mãe conta que a mesma não usou chupeta, não é de fácil aceitação os alimentos que os pais e avós propõem e que realiza de 6 a 8 refeições por dia.

O sono da criança relatado pela responsável era normal até 01 ano de idade, ela dormia bem. Atualmente dorme pouco e demonstra ter medo de barulho e de bicho ao deitar. Dorme só por volta de 01h e às vezes dorme com a mãe, mas na maioria das vezes dorme em seu próprio quarto sozinho.

Conforme relato da genitora, J.C. firmou a cabeça por volta dos 3 meses e logo após a criança sentou e engatinhou. Começou a andar com quase 1 ano e a comer sozinho por volta dos 2 anos, vez ou outra precisa do auxílio da mãe para cortar alimentos. Treme a mão ao tentar colocar a colher na boca, demorou a se vestir sozinho, roí unha e apresenta tiques com as mãos e a cabeça. É ambidestro, vai ao banheiro sozinho. Não tropeça e nem caí quando anda, conseguindo andar em linha reta, tem equilíbrio e tanto pula como consegue ficar em um pé só. Segundo relatos da responsável a criança escreve fora da linha, sempre da esquerda para a direita e ultrapassa o limite da margem quando escreve, porém não derruba muito as coisas e não apresenta nenhuma dificuldade em pegar objetos.

Em relação ao Desenvolvimento da Linguagem, foi mencionado pela mãe que a criança falou as primeiras palavras aos 2 anos e as frases completas aos 3. Às vezes gagueja. A compreensão é boa, mas a linguagem sempre foi difícil. Sobre a vida escolar que J.C. começou a ir à escola por volta de três anos, apresentando um bom desempenho de acordo com seu próprio ritmo. No começo não queria ficar na escola e demorava a se adaptar. Segundo a mãe, o aprendente não foi bem aceito nas escolas, e muitas vezes teve que se mudar por causa de sua patologia e por ter dificuldades nas matérias.

A responsável informa que o estudante tem dificuldade em realizar as lições de casa solicitada pela escola, que ele não gosta de ir à escola e que já reprovou o jardim dois e o primeiro ano do fundamental. O mesmo não obedece a mãe, troca as letras na fala, na escrita e na leitura. Possui dificuldades para ler, omite letras, não sabe ver a hora, os dias da semana, nem contar dinheiro. Sabe identificar os números, as sequências e o alfabeto. Não tem dificuldades para iniciar atividades, não costuma esquecer o que fala nem o que fez.

Sobre a socialização, a genitora relata que J.C. faz amizades com facilidade, brinca com crianças de sua faixa etária, lidera as brincadeiras, esperando as outras crianças começarem, porém às vezes não aceita perder em suas brincadeiras. Traz amigos em casa com frequência, a maioria das suas amizades é da igreja. Não tem amigos imaginários, não escuta vozes, não vê coisas nem pessoas. Brinca sozinho, cuida bem dos seus brinquedos, às vezes dorme na casa da tia, nunca apareceu com objetos que não lhe pertence em casa.

Durante a semana a mãe relata que a criança acorda por volta das 6 horas, toma café e vai para natação, depois volta para casa, joga vídeo game, toma banho, almoça e no período da tarde vai para escola. Quando volta da escola lancha e depois vai para o reforço. Quando o reforço termina volta para casa, janta, toma banho, assiste televisão e depois vai dormir. Segundo a mãe, nos dias de domingo ele acorda tarde, geralmente brinca, depois toma café,

joga vídeo game, toma banho, almoça, depois lancha, vai à igreja com a família, depois voltam pra casa e dorme.

A responsável de J.C relata que os pais não vivem juntos e a criança não convive entre brigas e nem com agressões. Tendo um relacionamento ótimo com os pais, porém é mais apegado com a própria mãe, segundo a mesma. A mãe diz que a criança é filho único, demonstra ser carinhosa com todos, sendo ciumento em relação a ela. Aceita facilmente as ordens, sendo um pouco teimosa, porém não é agressivo. Logo, gosta de chamar atenção e não é tímido, reconhece quando erra e pede desculpas, comportando da melhor forma com pessoas estranhas, sentindo medo de escuro e de dormir só, aceita o próprio corpo e sua aparência, ficando preocupado quando vai enfrentar novas situações.

Foi descrito pela genitora que J.C., nunca sofreu nenhum tipo de acidente e nem inseriu nenhum produto químico. Nunca teve desmaio e nem convulsões. Que já foi internado por crise de garganta e infecção intestinal, porém nunca teve traumatismo craniano, problemas auditivos e nem visuais, não usa óculos. Ela disse que J.C. já fez exame neurológico, toma medicação, mas não tem nenhuma doença crônica e não teve doenças durante o nascimento.

Segundo a mãe, o aprendiz é muito desatento, perde facilmente a atenção a detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares. Tem muita dificuldade para manter a atenção em tarefas escolares. A responsável afirma que ele evita tarefas que exija concentração. Ela ainda afirma que ele se distrai com facilidade em brincadeiras e parece que não escuta quando lhe dirigem a palavra se fazendo de surdo. Alega também que o examinando é agitado, age a todo vapor, meche as mãos a todo instante e fala demasiadamente. Ela diz que ele não fica sentado durante muito tempo na sala de aula, que geralmente demonstra ter dificuldade de aguarda sua vez, que ele exige muito da professora e que chora com facilidade. Porém não grita em sala de aula, não provoca confusões e não é mal humorado.

Conforme relato da genitora, não há casos de pessoas com deficiência mental na família, nem doença mental. Não tem nenhuma pessoa com ataques epiléticos, tireoide, nem com o mesmo tipo de dificuldade apresentado pela criança. Na família os dois avôs da criança tem problema de alcoolismo, mas não tem nenhum caso de drogas, nem suicídio. Apenas a prima da mãe tem depressão.

2ª Sessão - Iniciando o processo avaliativo no examinando, optou-se pela aplicação da EOCA, com o intuito de diminuir as tensões iniciais frente ao processo avaliativo, através de

atividades escolhidas pela própria criança, que ao chegar à sala observou todos os materiais que estavam ao seu redor e depois se sentou na cadeira que estava em frente à mesa dos materiais. Houve então uma conversa do que seria feito com ela naquele momento. Em seguida foi sugerido que usasse os materiais que estavam diante dele, sobre a mesa, podendo ficar a vontade, mostrando o que sabe fazer, o que lhe ensinaram a fazer e o que ela soubesse, ou aprendeu a fazer. A criança então começou a conversar, e foi se sentindo a vontade e respondendo as perguntas que lhe eram feitas.

Foi perguntado a J.C. qual era o personagem que ele mais gostava, ele respondeu que o homem aranha, o nemo e outros. Se ele gosta de ir à escola, ele respondeu que sim. Nesse momento ele pegou o lápis de pintar e começou a pintar o desenho do mcqueen, emitindo um som enquanto pintava como se tivesse cantando, depois colocou o nome na atividade. Logo após começou a desenhar rabiscos e ramificações na folha que estava em cima da mesa com canetinhas azul, verde, vermelho e marrom. Quando foi perguntado o que era, ele respondeu uma cerejeira. Por último pegou o quebra-cabeça para montar. Demonstrando ser bastante ágil. Durante toda a sessão o examinado se mostrou bem comunicativo, sempre falava o que estava fazendo e respondia a todas as perguntas. Utilizando todos os materiais que lhe foi apresentado, explorando cada um. Sabendo usar adequadamente o tom de voz. Pensando antes de criar ou montar algo, possuindo boa postura corporal, apresentando seus desenhos com forma e compreensão. Porém ao iniciar as atividades sempre perguntava se estava fazendo certo. Demonstrando não se sentir confiante no que estava fazendo.

Com o intuito de averiguar possíveis manifestações cognitivas ou afetivas que estivessem interferindo no processo de aprendizagem da criança, aplicou-se a Entrevista Operatória Centrada na Aprendizagem-EOCA de JORGE VISCA-1987. Essa foi de grande valia para o recurso de avaliação diagnóstica, pois através da EOCA percebeu-se que J.C. demonstrou uma boa capacidade intelectual. Porém, necessitou de estímulos diretivos que indicassem o que deveria fazer e de como deveria agir. Não conseguiu tomar decisões sem consentimento ou diga se está certo ou errado. Com relação ao uso dos materiais presente na caixa, como: folha de ofício, borracha, régua, caneta hidrográfica, folha de papel pautado, canetas esferográficas, tesoura, livros e revistas, cola, lápis sem ponta, apontador, papéis coloridos (10x10 cm), jogos lúdicos e educativos, esquadro e grampeador. A criança demonstrou se sentir a vontade, contudo passou a construir por meio do lúdico suas próprias experiências e imaginações. Vygotsky (1994) atribui relevante papel do lúdico na constituição do pensamento infantil. Segundo ele, é através deste que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o

mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos. Portanto, apesar da criança ter demonstrado um pouco de receio no início, pedindo a autorização para utilizar os materiais, foi através do lúdico (matérias e jogos) que a mesma, demonstrou grande interesse em desenvolver o que já sabia fazer, ou seja, suas próprias experiências.

3ª Sessão - Teste de leitura e escrita - (texto do jacaré; figuras e palavras utilizando a família do b; lendo descubra que música é esta). Depois que foi explicado a criança de como seria a atividade feita por ele nesse dia. Então, J.C. começou a ler o texto do jacaré e foi emitindo os sons das letras presente no texto, em voz baixa.

A criança leu o texto até o fim e quando foi questionado de quem se falava o texto, ele disse que não sabia. Logo após foi pedido que a criança respondesse um exercício, onde era para completar as sílabas das palavras e depois ligar a figura até a palavra. E assim ele fez. Depois J.C. realizou a terceira e última atividade, nessa foi pedido que ele fizesse a leitura da música da aranha e depois pintasse as vogais das palavras que foram usadas no texto. Nesse dia foi percebido que a criança ao ler trocou a letra r por l. Contudo, o examinado desenvolveu bem as atividades propostas a ele, demonstrando está atento ao que era pedido.

Em análise ao desenvolvimento da criança, ele reconheceu as vogais e conseguiu ler os textos, porém demonstrou não ter entendido o que tinha lido. Segundo Delfrate, Santana e Massi (2009) a criança com autismo pode conseguir falar palavras, mas apresenta uma dificuldade em entender conceitos. Desta forma, o psicopedagogo precisa planejar e criar situações que favoreçam os trabalhos de estimulação da criança. Compreende-se que o lúdico pode ser utilizado como recurso para o desenvolvimento da aprendizagem, além de servir de recursos para as práticas psicopedagógicas.

4ª Sessão - Visita à escola da criança. Na visita a sala de aula da criança, observou-se o modo com que J.C. aprende, seu desempenho diante do contexto escolar e a didática utilizada pelo professor. Ao iniciar a observação foi percebido que J.C. senta-se na primeira cadeira do lado direito da sala, perto do professor. Sua turma tem em média de 24 a 27 alunos. Durante a observação da aula, a criança permaneceu sentado e prestando atenção em tudo que foi explicado pelo professor. A princípio o professor começou a explicar como seria feito o exercício de português, neste seria trabalhado o ditongo, tritongo e o hiato. Ao começar a fazer o aprendente perguntou para o professor se estava fazendo certo. Depois que todos terminaram, o professor pediu para que a turma prestasse atenção no exercício de matemática e se caso alguém tivesse dúvida era pra perguntar.

A criança observada ao tentar fazer a atividade de matemática sobre unidade, dezena e centena, pediu auxílio ao professor para entender o exercício trabalhado. Contudo, foi observado que durante sua explicação o professor não utilizou vínculo de atividades passadas, nem fez referência da vida cotidiana dos alunos. Porém o mesmo demonstrou ter uma boa relação com todos os alunos. Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, a escola deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade. No entanto, a leitura pode ser algo atrativo ao estudante, mais para que isso aconteça é preciso deixar de lado as práticas mecânicas.

Em análise ao desenvolvimento da criança, durante toda a observação J.C. se mostrou comunicativo, sempre falava o que estava fazendo e respondia a todas as perguntas do professor. Utilizou todos os materiais necessários para realizar as atividades e demonstrou possuir uma boa postura corporal.

5ª e 6ª Sessões - TCLPP que busca avaliar a competência da leitura silenciosa de palavras isoladas, e servir de coadjuvante para o diagnóstico diferencial de distúrbios de aquisição de leitura. Neste, logo na primeira parte do teste, na folha de treino, o examinado acertou 7 das 8 palavras e figuras que consta no teste. Errando a palavra gênio, que está escrito na folha de treino “jêniu”. Como era apenas um treino, está não teve significado nenhum.

No teste, seus maiores erros foram no subteste de Pseudopalavras Vizinhas Fonológicas (VF), no total de 8 palavras, sendo elas do item 6 abelha, onde o examinador marcou certo estando escrito “hapelha”. O item 14 vaca, onde o examinador marcou certo estando escrito “faca”. O item 28 mágico, onde o examinador marcou certo estando escrito “máchico”. O item 31 ventilador, onde o examinador marcou certo estando escrito “ventilator”. O item 47 pipoca, onde o examinador marcou certo estando escrito “pipota”. O item 53 relógio, onde o examinador marcou certo estando escrito “relóchio”. O item 62 ovelha, onde o examinador marcou certo estando escrito “ofelha”. E por fim, o item 65 boneca, onde o examinador marcou certo estando escrito “ponéca”.

Mesmo que a criança tenha errado os subtestes com as Pseudopalavras VF e PH isso não quer dizer que não tenha utilizado a estratégia fonológica e a estratégia lexical. Subtende que o examinado errou as palavras simples por não prestar a devida atenção ou por não possuir ambas as rotas. Exemplo: abelha; “hapelha”, ventilador; “ventilator”.

A criança alcançou pontuação média nos seguintes subtestes; Palavras Corretas Regulares (9), Palavras Corretas Irregulares (9), Palavras Vizinhas Semânticas (10), Palavras

Vizinhas Visuais (10), Pseudopalavras Homófonas (6) e Pseudopalavras Estranhas (10). Porém no subteste de Vizinha Fonológica a criança acertou apenas (2), e sua pontuação foi baixa. Contudo, no total geral atingiu a pontuação de 87,52 a partir da série que estuda. Assim, é possível observar que o avaliado já possui um bom desenvolvimento da estratégia logografica, pois usa adequadamente as palavras CR, CI, VS, PE.

Com a aplicação do teste, foi possível perceber que o examinado está em um nível médio, adequado para sua série. Porém considera-se que J.C. não possui ambas as rotas fonológica e lexical, consolidadas. Dos escores do teste a criança ficou na média, de estudantes do 3º ano do ensino fundamental.

Capovilla (2000) e Seabra e Capovilla (2011) verificaram, em seus estudos, que o treino sistemático de consciência fonológica e o ensino claro de correspondências entre letras e sons pode ser de grande auxílio para que os alunos vençam o desafio da aprendizagem da linguagem escrita. Deste modo, o acompanhamento com o psicopedagogo deverá ser preventivo e contínuo, pois este profissional ajudará na melhoria das competências não apenas da leitura, mas também da escrita.

7ª Sessão - PROLEC objetivando oferecer uma ferramenta capaz de identificar as dificuldades que interferem no processo de desenvolvimento da leitura. No primeiro item do teste “nome ou som das letras”, J.C. conseguiu a pontuação total. Neste item a criança falou o nome ou o som da letra. No segundo item do teste “igual-diferente”, o aprendente também conseguiu a pontuação total. Neste item a criança verificou se os pares de palavras eram reais ou inventadas. No terceiro item do teste “decisão léxica”, o examinado não conseguiu a pontuação total. Neste a criança leu duas palavras inventadas (coeta/ lepto) em voz alta, quando na verdade deveria ler apenas as palavras reais. No quarto item do teste “leitura de palavras”, J.C. não conseguiu a pontuação total. Neste item o examinado leu as palavras reais em voz alta, errando a pronúncia das palavras globo (ccv), praça (ccv), corda (cvc), guarda (cvvc) e crescer (ccvc). No quinto item do teste “leitura de pseudopalavras”, a criança conseguiu a pontuação total. Neste item J.C. leu as palavras inventadas em voz alta, acertando a pronúncia de todas as palavras.

De acordo com as tabelas contidas na correção do prolec, o item “nome ou som das letras” foi classificado como normal (N). O item “igual-diferente” foi classificado como normal (N). O item “decisão léxica” foi classificado como normal (N). O item “leitura de palavras” foi classificado como dificuldade pequena (D). O item “leitura de pseudopalavras” foi classificado como normal (N).

Após a aplicação dos itens citados acima, foi possível perceber que a criança está em um nível médio, adequado para sua série. O item “leitura de palavras” classificado como dificuldade pequena, aponta escassez no vocabulário ortográfico da criança. Porém a literatura do teste indica que a pontuação desta prova vai aumentar de acordo com o ano escolar do examinado.

8ª Sessão – Continuação da aplicação do PROLEC, tendo em vista a complexidade do momento, no sexto item do teste “leitura de palavras e pseudopalavras”, J.C não conseguiu a pontuação total. Neste a criança pronunciou a leitura de 60 palavras e pseudopalavras. Porém quatro delas foram pronunciadas erradas (dasa, ciparro, marreca, juzes). No sétimo item do teste “estruturas gramaticas”, a criança também não conseguiu a pontuação total. Neste J.C leu a frase correspondente ao desenho, mas não conseguiu identificar a verdadeira. Acertando apenas um componente. No oitavo item do teste “sinais de pontuação”, o examinado não conseguiu pontuação. Neste o examinado leu o texto, mas não usou os sinais de pontuação. No nono item do teste “compreensão de orações”, J.C. não conseguiu a pontuação total. Neste a criança leu as frases e seguiu as ordens, errando apenas os componentes 06 (desenhe um quadrado dentro de um circulo) e 12 (o índio é maior que o soldado). No décimo item do teste “compreensão de textos”, a criança não conseguiu pontuação. Neste o examinado leu pequenos textos, mas não conseguiu responder as perguntas sobre eles.

De acordo com as tabelas contidas na correção do prolec, o item “leitura de palavras e pseudopalavras” foi classificado como normal (N). O item “estruturas gramaticas” foi classificado como dificuldade grande (DD). O item “sinais de pontuação” foi classificado como dificuldade grande (DD). O item “compreensão de orações” foi classificado como normal (N). O item “compreensão de textos” foi classificado como dificuldade grande (DD).

Após a aplicação de todos componentes do teste, foi possível perceber os níveis de dificuldade classificados por cada item. Nível normal = 6 itens, Nível de dificuldade pequena = 1 item, Nível de dificuldade grande = 3 itens. Por tanto o objetivo de conhecer a capacidade que a criança possui em cada um deles, foi alcançado.

De acordo com as experiências de leitura apresentada em outros testes, esperava-se que a criança tivesse um bom desempenho na maioria dos testes, assim aconteceu. Isso sugere que, mesmo diante de dificuldades moderadas de leitura, interpretação, pontuação e gramática. A criança é capaz de realizar estes subtestes com bom desempenho, pois a maioria deles é formada por tarefas simples; como identificar o nome ou o som das letras.

Como aponta Ciasca (2003), para que a criança reconheça e entenda letras e palavras, é necessário que ela construa ideias, imagens e compare ideias novas com aquelas armazenadas em sua memória. No entanto, durante a avaliação do PROLEC, verificou-se que a criança reconheceu várias imagens e palavras, ou seja, as ideias armazenadas em sua memória facilitou seu bom desempenho no teste.

9ª Sessão - Atividades de leitura e interpretação - (Textos para leitura e interpretação; Atividade lúdica com bexiga). Depois que foi explicado à criança de como seria a atividade feita por ele nesse dia. Então, J.C. começou a ler o pequeno texto “O Susto”. Ao ler, foi emitindo os sons das letras presente no texto em voz alta. Depois, foi perguntado para o mesmo o que tinha entendido do texto e ele respondeu o nome do personagem principal, “Oscar”. Logo após foi pedido que a criança fizesse o exercício de compreensão, onde esta deveria responder questões referentes ao texto. Quando terminou o examinado realizou a segunda atividade, esta também se tratava de um texto de interpretação. Foi proposto que a criança prestasse atenção no texto “manhã na praia” que seria lido e a partir do que ele tinha escutado e entendido responderia as questões de interpretação. Por fim foi realizado a terceira e ultima atividade. Nesta o aprendente ajudou a construir um personagem para a história que seria elaborada e contada por ele. Demonstrando está bastante entusiasmado com a atividade, J.C. transformou a bexiga em um personagem criado por ele chamado “Júlio César”, ao utilizar os matérias de colagem como olho, boca e nariz o personagem foi criando vida na história. Por fim, a criança contou que o personagem gostava de brincar, tinha muitos amigos e era feliz.

Em análise ao desenvolvimento do examinado na primeira e na segunda atividade, ele reconheceu as vogais e conseguiu ler os textos, porém em algumas situações demonstrou não ter entendido o que tinha lido. Nesse dia foi percebido que J.C. errou poucas palavras na escrita. Porém demonstrou ter dificuldade na interpretação. Verificou-se também, que durante as atividades de leitura onde a criança apenas escutava a história, sua dificuldade de compreensão era maior. Porém quando a história era narrada e vivenciada de forma concreta, tudo era compreendido. Como por exemplo, a história contada a partir do personagem criado pelo examinado, nesta o mesmo atribuiu significados, pois demonstrou ser autêntico e criativo, compreendendo todo o contexto da narração vivenciada por ele. Souza (1992) afirma que a leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento, o lugar e com as circunstâncias. Ler é

interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

10ª Sessão - Atividades lúdicas - (Com formas e tamanhos; Caixa mágica). Depois que foi explicado à criança algumas noções sobre formas e tamanhos, e de como seria a atividade feita por ele nesse dia, então se iniciou a sessão. No primeiro exercício sobre formas e tamanhos, J.C ligou cada desenho à sua sombra, acertando todos. Após, seguiu para a segunda parte do primeiro exercício, onde se pedia para circular o desenho menor, presente em cada cartaz que os palhaços estavam segurando. Neste o examinado demonstrou ter tido dificuldade para saber identificar o menor. Ele sabia identificar apenas o maior e o médio. Depois que foi explicado o significado de menor a criança conseguiu terminar o exercício corretamente. No segundo exercício J.C, identificou e interpretou corretamente a representação das imagens do personagem “peppa”. Entre as representações foi trabalhado a sombra das imagens; quantidade; tamanho e palavras. No terceiro exercício o aprendente, identificou corretamente a sombra que pertencia à família apresentada na imagem. Por último, a criança realizou a atividade da caixa mágica, nesta ficou com os olhos vendados utilizando apenas o sentido do tato e da audição, para identificar os objetos que estava dentro da caixa. Dentro da caixa tinha objetos como: bola, carro, óculos, chocalho, lápis, urso de pelúcia e uma chave. Ao pegar cada um, a criança logo respondia o que era. Não demonstrando ter nenhuma dificuldade para descobrir. J.C acertou todos os objetos e disse que gostou muito da atividade.

Apesar da dificuldade de compreensão ser bem característica da criança autista, principalmente quando diz respeito a palavras de duplo sentido, ou palavras diferentes, mas que tenham o mesmo significado, o aprendente conseguiu realizar o que se esperava das atividades. O mesmo demonstrou interesse em querer realizar todas as atividades, até as que eram de difícil compreensão para ele. Além do interesse, nesta sessão, também foi possível perceber que as atividades ilustradas através da ludicidade, e as brincadeiras da caixa mágica despertaram o interesse da criança em aprender. Cunha (2004) diz que: o ato de brincar possibilita infinitas maneiras de trabalhar com os alunos: a interação, o lúdico e a brincadeira em geral leva o aluno a construção do conhecimento. Por tanto, o brincar não se resume apenas como um meio de diversão e descontração. É um ponto importante que deve ser explorado e valorizado nas escolas dentro da sala de aula. Porém o brincar é muito mais que um simples momento de divertir é um dos caminhos que pode levar ao conhecimento.

6 DISCUSSÕES

Diante das observações realizadas no decorrer dos atendimentos, pode-se perceber que o desenvolver de um caso trata-se de um sério processo onde além de se pôr a par das competências e não competências do indivíduo, o traçar de metas a serem seguidas não se trata de uma tarefa de fácil realização, uma vez que se deve lançar uma meta a ser alcançada e com base nela, analisar as formas cabíveis ao caso em processo.

As crianças não nascem com dificuldades escolares, mas elas aparecem ao longo do processo de aprendizagem e a dificuldade de aprendizagem tem sido reconhecida como um dos fatores que interferem no aprendizado do aluno. Assim, a ajuda dos professores em sala de aula pode ter um papel fundamental na superação desta dificuldade. O professor deve trabalhar em parceria com o psicopedagogo, ambos devem transmitir compreensão e confiança para a criança.

Fonseca (1995), diz que a criança com dificuldade de aprendizagem não deve ser “classificada” como deficiente. Trata-se de uma criança normal que aprende de uma forma diferente, a qual apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado.

A dificuldade de aprendizagem é algo que algumas crianças apresentam e que pode ser superada ao longo do processo educacional com a ajuda dos profissionais da educação. É importante notar que os indivíduos com dificuldade possuem outras habilidades. Isso indica que estes indivíduos não são “burros” como muitos os rotulam, e que podem alcançar o sucesso em sua vida social e profissional desde que receba uma atenção e orientações necessárias. A aprendizagem não ocorre da mesma forma para todas as crianças e, dependendo da maneira como o processo de ensino é orientado, pode ocasionar dificuldades.

Tendo por base toda essa análise e partindo da queixa da mãe, foram realizados testes e atividades, cujo os resultados sempre confirmavam a dificuldade de aprendizagem relatada pela mesma. J.C. demonstrou ter dificuldade de leitura, escrita, compreensão, matemática e coordenação motora.

Por tanto, a criança em atendimento além de ser diagnosticada com TEA também apresenta dificuldade de aprendizagem. O TEA não tem cura, porém com o apoio de uma equipe multidisciplinar e de intervenções adequadas, esses indivíduos podem ter sucesso escolar e continuar a progredir ao longo da vida. Durante os atendimentos psicopedagógicos, foi observado que a criança demonstrou uma maior dificuldade na leitura e na compreensão de texto, porém esta desempenhou bem todas as atividades propostas, perguntando quando tinha dúvidas e mostrando disposição para realizar as atividades. Nas atividades de leitura lúdica foi

visto que o aprendiz alcançou progressos na compreensão, expondo assim suas fantasias e imaginações.

No entanto, vale lembrar que muitas das vezes os pais e os profissionais estão cientes das dificuldades que as crianças com autismo têm em ambientes escolares. Entretanto, as necessidades específicas de aprendizagem precisam de mais atenção. As necessidades envolvidas incluem dificuldade leitura, escrita, compreensão, matemática e coordenação motora. A principal possibilidade para uma melhoria constante é uma maior consideração das suas singularidades, bem como mais treinamento com profissionais que possam ajuda-lo a entender seus estilos de aprendizagem.

Assim pode-se dizer que a proposta de pesquisar a praticidade do lúdico no processo de leitura em crianças com TEA foi realizada, está correspondeu às características da criança em relação ao seu pensamento e a aspectos de seu desenvolvimento. Foi através de dez sessões e com o resultado de várias atividades que se comprovou o avanço significativo na aprendizagem da criança. Por tanto, concluímos que a intervenção multidisciplinar é imprescindível para este caso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a praticidade do lúdico para o processo de leitura de crianças com TEA é fundamental para a atuação psicopedagógica, pois contemplar o brincar como sendo um ato educativo com diversos significados permiti a criança o domínio de criar e recria estratégias de aprendizagem dando sentido aos conhecimentos sociais e culturais. Deste modo a aprendizagem da criança acontece de forma continuada e progressiva.

No presente estudo de caso, foi possível identificar as dificuldades e competências que a criança apresenta. Como proposto, saber o estágio de rotas de leitura que a mesma utiliza, acarreta uma melhor compreensão de seu caso. O intuito de melhorar sua aprendizagem através da interpretação de textos lúdicos, jogos, brinquedos e brincadeiras possibilitou amenizar os efeitos de suas dificuldades.

Os objetivos dessa pesquisa foram alcançados com sucesso, visto que foi possível trabalhar a praticidade do lúdico no processo de leitura. Destacando que durante o processo foram analisados os desempenhos apresentados pela criança e identificado como elemento mediador da ação educativa o lúdico como metodologia que propiciou a criança elementos para desenvolver suas habilidades.

Diante dos resultados obtidos, observa-se que o examinado está na média esperada para o 3º ano do Ensino Fundamental, o qual está apto a fazer uma leitura compreensível. O que

mostra um aspecto de grande relevância para esse momento é a praticidade do lúdico como aprendizagem significativa.

Outro aspecto que destacamos durante a realização desse percurso, foram os indicadores para novas investigações, onde poderá ser verificado se a criança que obteve bons resultados na avaliação psicopedagógica conseguiu de fato progredir na leitura e na aprendizagem, visto que ela já possuía todas as habilidades necessárias para tanto.

A limitação encontrada nesse estudo diz respeito a um risco mínimo, mas que deve ser considerada como caráter de cansaço físico. Leva-se em conta que muitas vezes a criança saiu da escola e foi direto para o atendimento psicopedagógico.

Sendo assim, entende-se que a psicopedagogia busca as razões das dificuldades no ato de aprender e por isso avalia o ser humano em suas múltiplas dimensões. Entretanto meu trabalho é importante tanto na prevenção quanto nas dificuldades de aprendizagem. Os dados desse estudo demonstraram que o lúdico na educação da criança com TEA é de grande relevância para o sucesso da aprendizagem.

Finalmente, salienta-se que a continuidade do acompanhamento psicopedagógico é imprescindível, haja visto que, o objetivo da psicopedagogia, é proporcionar uma aprendizagem mais significativa para os indivíduos com TEA.

PLAYFULNESS AS A FACILITATOR WAY FOR AUTISTIC CHILDREN READING

Abstract: The ability developed in the act of playing, in addition to expanding the child's imagination, also develops his/her emotions, because the kid ends up becoming so involved with the game, who does not even notice in his/her actions, the sense of excitement and enthusiasm gained while playing. This feeling of pleasure and interaction facilitates learning in all aspects of the child. This study has the general objective to study playfulness' practicality in the process of reading in children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). Specifically, it intends to: identify possible methodological causes that interfered in the reading process; develop practical methods through playing to help building a significant reading; work on playfulness practicality of the reading process. Therefore we count on the participation of a ten-year-old diagnosed with ASD, male, born in João Pessoa-PB, attending the 3rd year of elementary school, studying in a private school, who has difficulty on reading and understanding texts. As the data collection instrument, we used observation, assessment tests, interviews and activities. The data were analyzed qualitatively by the results obtained in each session and through the tests and activities applied in light of the literature studied. The data from this study demonstrated that playfulness in raising a child with ASD is of great importance on the success of meaningful learning. It was concluded that the study included on the child a domain on creating and recreating learning strategies giving this way meaning to reading skills.

Keywords: Playfulness. Reading. Autistic Children.

REFERÊNCIAS

AMEIDA, P.N. **Educação Lúdica.** Disponível em < <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>> São Paulo: Loyola, 1994. Acesso em: em 02/08/2016.

APA (American Psychiatric Association). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5.** Disponível em: < <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeducador/2015/DSM%20V.pdf>> Porto Alegre: Artmed, 2014. Acesso em: em 12/08/2016.

APA (American Psychiatric Association). **Transtornos mentais. DSM-V. In: _____.** **Manual diagnóstico e estatísticos de transtornos mentais.** Disponível em: < <http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1044/954>> Porto Alegre, RS: Artmed, 2014. Acesso em: em 09/09/2016.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura.** Disponível em < <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> São Paulo: Ática, 1988. Acesso em: em 23/08/2016.

BRENTANI, H., PAULA, C., BORDINI, D., ROLIM, D., SATO., F., PORTOLESE, J., PACÍFICO, M., & McCracken, J. **Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n3/1806-3446-ptp-31-03-00303.pdf>> Revista Brasileira de Psiquiatria, 2013. Acesso em: em 12/08/2016.

BOSA, C.; CALLIAS, M. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens.** Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf> Porto Alegre, 2000. Acesso em: em 05/07/2016.

CAMARGOS Jr, Walter et al. **Autismo Infantil - Sinais Sintomas. In: Transtornos Invasivos do Desenvolvimento.** Disponível em: < http://famesp.com.br/novosite/wp-content/uploads/2014/tcc/famesp_erika_de_souza_nogueira_parte1.pdf> Brasília: Corde, 2002. Acesso em: em 16/08/2016.

CAPELLINI, S. A., OLIVEIRA, A. M., CUETOS, F. **PROLEC: Provas de avaliação dos processos de leitura.** Disponível em: < <file:///C:/Users/Luciana/Downloads/pa-7580.pdf>> São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010. Acesso em: em 25/10/2016.

CARLETI, R. C. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada.** Disponível em: < <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> ES, 2007. Acesso em: em 26/06/2016.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de dificuldades de aprendizagem: questão de nomenclatura. In S. Ciasca (Org), Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar (pp. 19-31).** Disponível em: < http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9834/1/2011_CleucydiaLimaCosta.pdf> São Paulo: Casa do Psicólogo. 2013. Acesso em: em 26/10/2016.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Disponível em: < <http://docplayer.com.br/1588959-Unisaesiano-centro-universitario->

catolico-salesiano-auxilium-curso-de-psicologia-angelo-antonio-puzipe-papim-kelly-gil-sanches.html> 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012. Acesso em: em 02/07/2016.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** Disponível em:< <http://docplayer.com.br/1588959-Unisalesiano-centro-universitario-catolico-salesiano-auxilium-curso-de-psicologia-angelo-antonio-puzipe-papim-kelly-gil-sanches.html>> 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2009. Acesso em: em 02/07/2016.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedo Linguagem e Alfabetização.** Disponível em < <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibid/trabalhos-pibid/pibid-ketulem-cristina.pdf>> Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Acesso em: em 17/07/2016.

CHAMAT, L. S. J. **Teste de Diagnostico psicopedagógico. O diagnostico Clínico na abordagem interacionista.** Disponível em:<<http://www.jossandrabarbosa.com.br/p/conversas-psicopedagogicas.html>> Editora Vetora, São Paulo, 2004. Acesso em: em 22/10/2016.

DELFRATE, C.B.; SANTANA, A.P.O.; MASSI, G. A. **A aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso.** Disponível em:< epositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/4729/1/Renata%20Fernandes%20Carneiro.pdf> Abr./Jun. 2009. Acesso em: em 10/07/2016.

DELMANTO, D. **A leitura em sala de aula.** Disponível em:< <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> lmanaque do Programa Escrevendo o Futuro, 2009. Acesso em: em 22/06/2016.

FONSECA, V. da. **Introdução Às Dificuldades de Aprendizagem.** Disponível em:< http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2159/1/2011_MariadoCarmodosAnjosSoares.pdf> Porto Alegre, Artes Médicas: 1995. Acesso em: em 09/11/2016.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** Disponível em:<<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>>23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989. Acesso em: em 22/06/2016.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: Teoria e Prática.** Disponível em:<<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibid/trabalhos-pibid/pibid-ketulem-cristina.pdf>>Campinas SP Editora Pontes, 2001. Acesso em: em 26/04/2016.

LOPES, V. G. **Linguagem do Corpo e Movimento.** Disponível em:< http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_1739_24bafel01bda656647bb9f1eeef77c95.pdf> Curitiba, 2006. Acesso em: em 20/08/2016.

MENDES R, R. L. **Educação infantil: As Lutas pela sua Difusão.** Disponível em:< [file:///C:/Users/Luciana/Downloads/o%20ludico%20como%20ferramenta%20no%20processo%20de%20ensino%20-%20aprendizagem%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Luciana/Downloads/o%20ludico%20como%20ferramenta%20no%20processo%20de%20ensino%20-%20aprendizagem%20(1).pdf)> Belém: Unama, 1996. Acesso em: em 02/08/2016.

NILSSON, I. **Introdução a educação especial para pessoas com transtornos de espectro autístico e dificuldades semelhantes de aprendizagem.** Disponível em:< http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf> Em PDF.Congresso Nacional sobre a Síndrome de Autismo 2004. Acesso em: em 09/09/2016.

OLIVEIRA, C. H.; QUEIROZ, C. M. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes.** Disponível em < <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> RN, 2009. Acesso em: em 18/07/2016.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Disponível em:< <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>>. Rio de Janeiro: Wak, 2012. Acesso em: em 02/07/2016.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Disponível em:< <http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1044/954>> Rio de Janeiro: Wak, 2012. Acesso em: em 09/09/2016.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança.** Disponível em < <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39541/000823357.pdf>>Rio de Janeiro: Editora Zahar,1973. Acesso em: em 29/07/2016.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança.** Disponível em:<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ludico.pdf>> Rio de Janeiro:Zahar,1978. Acesso em: em 04/08/2016.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança.** Disponível em:< <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39549/000825104.pdf>> Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986. Acesso em: em 25/10/2016.

ROTTA, N. T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar.** Disponível em:< <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56194.pdf>> Porto alegre: Artmed, 2007. Acesso em: em 16/08/2016.

SAMPAIO, S. **Manual prático do diagnostico psicopedagógico clínico.** Disponível em:< http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T206990.pdf> 2.ed.Rio de Janeiro: Wak Ed.,2010 Acesso em: em 20/10/2016.

SANTOS, M. P. S. **O Lúdico na formação do educador.** Disponível em:<<file:///C:/Users/Luciana/AppData/Local/Temp/o%20ludico%20como%20ferramenta%20no%20processo%20de%20ensino%20%20aprendizagem.pdf>>.PetrópolisRS: Vozes, 1997. Acesso em: em 04/09/2016.

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de Leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica (6ªed.).** Disponível em < http://www.mackenzie.br/fileadmin/PUBLIC/UP_MACKENZIE/servicos_educacionais/stricto_sensu/Disturbios_Desenvolvimento/Artigo_2_Fragoso_e_cols.pdf> São Paulo: Memnon, 2011. Acesso em: em 26/10/2016.

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. **Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras.** Disponível em:<<http://rei.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1231/1/JFMS20092016>> São Paulo, Ed. Memnon. 2010. Acesso em: em 22/10/2016.

SOUZA, R. J. de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam.** Disponível em:<[file:///C:/Users/Luciana/Downloads/leituraprofessor%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Luciana/Downloads/leituraprofessor%20(4).pdf)> Bauru: USC, 1992. Acesso em: em 09/11/2016.

SOUZA, R. J. de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de formação continuada.** Disponível em:<<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> UNESP - Presidente Prudente. 2000. Acesso em: em 26/04/2016.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente.** Disponível em:<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T206990.pdf> Porto Alegre, Artes Médicas, 1987. Acesso em: em 20/10/2016.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Disponível em:<<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ludico.pdf>>São Paulo: Martins Fontes, 1994. Acesso em: em 20/04/2016.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança.** Disponível em <<http://pt.slideshare.net/JJOAOPAULO7/tcc-o-ludico-na-educacao-infantil>>Lisboa: Veja/Universidade, 1979. Acesso em: em 15/08/2016.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Esta pesquisa é sobre “O LÚDICO COMO CAMINHO FACILITADOR PARA A LEITURA DE CRIANÇAS AUTISTAS” e está sendo desenvolvida por Luciana Soares da Silva, aluna do curso de Psicopedagogia da Universidade Federal Da Paraíba, sob orientação da Profª Drª Adriana de Andrade Gaião e Barbosa.

O Objetivo geral do estudo é pesquisar a praticidade do lúdico no processo de leitura em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A finalidade deste trabalho é trazer dados para novas pesquisas, não só na área da Educação e psicopedagogia, mas em outras áreas do campo das Ciências Humanas.

Solicitamos a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de educação e saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos participantes.

Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

Assinatura do participante da pesquisa

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a Pesquisadora responsável: (...).

Telefone: (...).

Endereço (Setor de Trabalho): Departamento de Psicopedagogia/CE/UFPB, Campus I.

Atenciosamente,

Vanessa Borges de Aquino

Assinatura do Pesquisador Participante

Luciana S. da Silva

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a) Viviany Silva Pessoa, telefone: 88895650 ou para o Comitê de ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley. Endereço: Hospital Universitário Lauro Wanderley - H-LW - 4º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castela Branco - João Pessoa - PB. CEP: 58059 -900.

E-mail: comitedeetica@hulw.ufpb.br Campus I - fone: 32167964.